

Os malefícios do teatro

Não está claro se Enda Walsh acusa também o teatro – esta é, afinal de contas, uma peça na qual uma outra peça é usada para fins de tortura. Assim, talvez *Remédio* – dias 11, 15 e 17 no Fórum Romeu Correia – seja simplesmente uma obra de extravagantes mistérios. Honestamente, não importa muito. O núcleo emocional do espectáculo é sempre prevalente. No final, o abatimento de John parece tão familiar como uma dor fantasma.

Pode ainda estar dentro das quatro tristes paredes onde começou, mas a peça de Walsh transforma o espaço de isolamento num de empatia, que até o público pode compartilhar. Porque, em última instância, alguma conexão humana é o melhor remédio que alguém pode pedir. A encenação é de António Simão e a tradução de Joana Frazão – que virão à Esplanada da António da Costa no dia 11 conver-

sar com o autor e o público.

Aquando da estreia desta criação dos Artistas Unidos, em Novembro do ano passado, João Carneiro escreveu no *Expresso* que: “tudo se passa numa sala, desarrumada, onde parece que houve uma festa na véspera. Uma mesa, uma cabina ao fundo, um cubículo à direita, uma bateria num canto, do outro lado, pouco mais. Uma faixa pendurada do tecto, em que está escrito ‘Parabéns’. E John Kane, um rapaz, ou um homem, ainda novo, de pijama azul e uns sapatos gastos. Chega uma pessoa mascarada de homem velho, e depois uma outra, vestida de lagosta. São duas actrizes, que vêm para a sessão anual de dramaterapia de John, ali internado, numa instituição psiquiátrica. Foi ele quem escreveu o texto para a sessão. Toda a peça se organiza em torno deste eixo dramático: as raparigas lêem partes do guião, falam entre si e com



© Jorge Gonçalves

John, fazendo comentários, sugestões. O discurso da peça articula memórias do rapaz, relações entre as actrizes – tensas, violentas, por vezes – e, previsivelmente, fragmentos daquilo que são memórias e reflexões de John. Este discurso, extremamente trabalhado do ponto de vista autoral, é também um discurso que dá a ver a sua radicação no passado, nas memórias

que, com as repetições e recorrências, apontam para uma personalidade da personagem. Existe, ainda, um baterista, que não intervém vocalmente. [...] Enda Walsh não é apenas um escritor magistral; a sua escrita utiliza elementos do banal quotidiano e coloca tudo no plano das grandes obras, que nunca se esgotam no imediato, no anedótico, ou no didático-psicológico”.

Sobre as 'basezinhas'

A segunda etapa do curso de formação ministrado por Rui Cardoso Martins foi dedicada à leitura de excertos de textos clássicos da dramaturgia ocidental, enquanto repositórios de técnicas e soluções dramáticas de perene validade. Ouvimos, por esta ordem: *Édipo-Rei*, de Sófocles; *António e Cleópatra*, de Shakespeare; *Calígula*, de Camus; *Fedra*, de Racine; *Fausto*, de Goethe; *A gaivota*, de Tchecov e *O Inspector*, de Gogol.

Em jeito de preâmbulo, Cardoso Martins enfatizou a importância das palavras e da escolha das mesmas para a definição do tom da peça – ou seja: de novo, o papel determinante da linguagem. E, para tal, nada melhor do que ler os clássicos – “as basezinhas”, como disse, parafraseando Eça –, um dos três pilares da aprendizagem deste ofício (sendo os outros: ver espectáculos e viver mais). Leituras, que, considera, “nos darão um repositório de memórias para o

que haveremos de escrever”, num espectro que pode ir do mais lapidar e enxuto ao mais elaborado e estilizado.

Do *Édipo*, destacou o modo como o autor faz uma apresentação clara do que está em causa para cada personagem, dentro de uma estrutura de quase “policia”. Na tragédia de Shakespeare, mostrou como a problemática fundamental da peça é exposta logo desde as falas iniciais; no *Calígula*, singularizou “a forma poética e ao mesmo tempo violenta de nos apresentar um problema”, numa estrutura em que a “situação” nos é mostrada indirectamente, pelas falas dos cortesãos/patícios. Na *Fedra*, referiu-se ao enredo “quase tele-novelesco” transformado em algo de profundo, comovente e elevado, por meio de uma linguagem elaboradíssima, assente em verso rimado e métrica rigorosa. Ao *Fausto*, tomou-o como exemplo de “como” se lança o que está em causa na peça: as premissas do drama.

“Se há escritores que me influenciaram, foram os russos”, disse a dada altura Rui Cardoso Martins, que neles descobre o (seu) gosto das “personagens com várias camadas, contraditórias e angustiadas”, das “leituras que nunca são certinhas, das ambiguidades”. A propósito de *A gaivota*, falou da técnica de fazer a acção passar-se nos bastidores, sabendo nós dela só indirectamente, como que *in absentia*. Para finalizar *in good spirits*, *O inspector*, peça que “é um desfile das misérias humanas”, mas que, revelou, “me fez rir do início ao fim, algo de muito raro em qualquer autor!”, sendo ilustração da “importância do humor neste ofício”. Do *Inspector*, leu-nos, por fim, “uma das didascálias mais famosas da história do teatro”: a cena final.

Cardoso Martins salientou, entre leituras, alguns aspectos importantes da escrita dramática, como: acontecer alguma coisa na peça; haver desenvolvimento na acção; ter cenas auto-suficientes (que dispensem o recurso a cenas de ligação, que a enfraquecerão);



© Patrícia Porção

ter personagens que evoluem / se transformam no decorrer da peça; a importância de ouvirmos o que escrevemos, pois nos será depois mais fácil cortar; a importância do dito, do sub-dito (a entrelinha) e do contra-dito (de novo, Tchecov como exemplo). E, como que subjazendo a tudo, a frase-aviso de Wittgenstein: “A tua escrita não passará de um engano, se não estiveres disposto a conhecer-te melhor”.

Bernardo Mariano

Pedaços de madeira com vida dentro

Dois dias após a última apresentação de *La tempesta*, de Shakespeare, pela Companhia Carlo Colla & Figli, de Milão, Piero Corbella, um dos 12 marionetistas envolvidos nessa produção, veio à Esplanada falar sobre a marcante criação que Almada viu este ano. A moderação esteve a cargo de Sebastiana Fadda.

Corbella começou por evocar a figura de Eugenio Monti Colla (1939-2017), destacando a sua decisão de substituir a transmissão de pais para filhos da tradição da Companhia, por uma estrutura que se encarregasse de todos os aspectos do espectáculo, da confecção à manipulação, passando pela gestão. Transformação, de cuja viabilidade esta *Tempestate*, justamente, acabaria por dar a primeira confirmação. Contou em seguida a história da gravação da peça em napolitano antigo por Eduardo De Filippo, referindo-se ao facto de o autor ter inventado palavras para completar rimas, pois sabia que “ninguém iria achar estranho, pois ninguém sabe ao certo como era o napolitano do século XVII”.

Revelou que “ainda hoje, passados 40 anos, nós, milaneses, estamos a decifrar palavras que ele lá diz!”, destacando o seu modo de dizer o texto, que “é perfeito para as marionetas”.

Falou com gosto da internacionalização das peças da companhia, traduzidas para línguas muito distantes, como russo ou árabe. Lembrou as acções pedagógicas realizadas aquando da ida ao novo Teatro de Omã, cujo sucesso e repercussão o surpreenderam imenso. E que foi mote para eles próprios



© Patrícia Poção



© Patrícia Poção

realizarem uma versão em língua árabe destinada às comunidades desse idioma na cidade de Milão.

Referiu-se à tradição marionetística como sendo coisa para adultos, tal como, na altura, as histórias dos Irmãos Grimm; e de, no séc. XIX, funcionar como portadora de notícias junto das comunidades mais rurais e remotas. É objectivo dos actuais responsáveis desta companhia “manter essa tradição, mas

cultivar a experimentação”, dentro duma firme convicção de que o teatro de marionetas tem uma longa vida pela frente “a criar a ilusão e a causar divertimento no público”.

Mostrou em seguida três marionetas, explicando o respectivo funcionamento e características, e revelou que, para 2025, a Carlo Colla & Figli está a preparar um novo espectáculo, baseado no *Dom Quixote*. | **Bernardo Mariano**

DEIXA DO DIA - I

**“Luta, meu coração!
Não me podes abandonar,
agora não!”**

In *Sans tambour*,
de Samuel Achache

DEIXA DO DIA - II

**“Uma vergonha do
caraças por aquilo que
eu era, pelas agressões
que sofria”.**

In *Black Lights*,
de Mathilde Monnier

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Curso de formação
O Sentido dos Mestres,
com **Rui Cardoso Martins**
Salão das Carochas

18:00 | Colóquio
Enda Walsh
Escola D. António da Costa

20:00 | Música
Curcumbia
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Além da dor
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro
Remédio
Fórum Municipal Romeu Correia

21:30 | Teatro
Salgueiro Maia:
Cartografia de um monólogo
Academia Almadense

Colóquio com Enda Walsh

Amanhã, às 18h na Escola D. António da Costa, há Colóquio na Esplanada com Enda Walsh, António Simão e Joana Frazão (autor, encenador e tradutora de *Remédio*) e moderação de João Carneiro.

Vencedor de um Tony, Walsh possui obras traduzidas em 20 línguas.

As primeiras produções do dramaturgo incluem adaptações de *A Clockwork Orange* e *A Christmas Carol*. O encenador António Simão trabalhou ao lado de grandes nomes do teatro e integra os AU desde 1995. Para a companhia, Joana Frazão traduziu três obras de Walsh, além de *Remédio*.



RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Frango crocante c/ salada de repolho
Bacalhau à antiga
Feijoada de abóbora e batata doce

AMANHÃ

Salsicha brasileira com lentilhas
Pescada à poveira
Salada de melancia e queijo feta